

© Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.

© All rights reserved.

O MANTO DE PENAS

Hagoromo significa “manto de penas”. A lenda do manto de penas roubado ao Anjo, que sem ele fica sem poder voltar para o Céu, aparece na China, Índia e Escandinávia. Esta peça é atribuída a Zeami.

Antes de começar a peça, é trazido para o palco um raminho de pinheiro, que fará o espectador imaginar facilmente o pinheiral imenso e fresco da Baía de Miho.

Os três pescadores entram vagarosos, cada um com uma cana ao ombro; não vêm vestidos de pescadores, mas com mantos de seda azul e largas calças brancas, pois o *nô* não visa ser realista, mas antes dar uma estilizada composição de superior beleza.

O Anjo traz roupas de seda riquíssima, branca e laranja, e uma máscara de donzela cuja juventude espande; sobre a cabeça uma coroa com pendentes de ouro aos lados e uma grande flor a meio. O “manto de penas” não é realmente de penas, mas da mais fina seda que é possível imaginar, dum branco nácar muito suave, com desenhos de grinaldas de flores e de borboletas, de tão delicado tecido e cores tão subtis que lhe dão um ar espiritual e de celeste aparição. O leque é também uma maravilha de cores.

O bailado não é espectacular, tem graça, simplicidade nobre, elegância pura, e a compostura hierática dum rito divino. O Anjo move-se, suave e grácil, adiantando passos leves, batendo os pés às vezes, abrindo o leque, estendendo-o horizontalmente, como num voo. Quando aparta os braços gentilmente, como asas, o colorido e dourado do manto brilham em esplendores momentâneos, e as mangas longas como que o levam imponderável pelos espaços, soltando pequenos gritos de celestial deleite, ao acompanhamento do coro, que ora canta, ora atira rápidas exclamações sacudidas: – Ho-o-up ! Ho-o-up ! – sublinhadas do tantã espaçado dos tamboris, ligeiro e salpicado, e do fio lírico da flauta, mais fluido que o azul do céu.

Na altura do coro final, o Anjo passa ao *hashigakari*, onde dança por momentos, e some-se detrás da cortina ao fundo do corredor. O final do coro torna-se rápido, e as palavras marcadas, fortes e sonoras. O Pescador Hakuryo, que está de joelhos, levanta-se e fica, com naturalidade, de pé, ao lado do palco. E a peça extinguiu-se sem se lhe dar pelo fim, como se dissolve um encanto ou uma bruma.

Sobre o texto:

Quando um Anjo vai morrer, os sintomas da morte são cinco: as flores da sua coroa murcham, a poeira mancha-lhe os vestidos, o suor goteja-lhe das axilas, as meninas dos olhos tremem-lhe e invade-o o cansaço.

Izanagui e *Izanami* são o pai e a mãe dos deuses; segundo a religião xintoísta, os deuses apareceram depois de formado o Céu e a Terra.

Suruga, dança da província oriental de Suruga, que em *Hagoromo* se supõe revelada pela primeira vez aos homens pelo Anjo.

Katsura, planta que, segundo a lenda, floresce na Lua.

Sumeru, grande montanha situada no centro do universo, constituída por rubis, esmeraldas e diamantes.

Fuji, monte sagrado onde habitam os deuses xintoístas, e que é o ponto mais alto do Japão.

Daiseichi, terceira pessoa da trindade budista, que se senta à direita de Amida; a deusa-lua é uma emanção de Daiseichi.

Ashitaka, monte que se segue em altitude ao Fuji.

(*Nô*, 14-16)

O MANTO DE PENAS

(Hagoromo)

de Motokiyo Zeami

Personagens:

Anjo

Hakuryo, Pescador

Segundo Pescador

Terceiro Pescador

Coro

Lugar: o pinhal na Baía de Miho

Estação: a Primavera

CORO

Os gritos dos remadores
Bradam no vento célere
Sobre as ondas da Baía de Miho
Para o mar largo.

HAKURYO

Sou o pescador Hakuryo
A minha casa fica aos pinheirais de Miho.

HAKURYO e SEGUNDO e TERCEIRO PESCADORES, em coro:

Sobre dez mil léguas de montanhas
Os longos lençóis de nuvens
De súbito se entreabrem.
A chuva pára e agora
A lua aparece no céu claro.
Chegou a Primavera aos pinheirais de Miho.
A névoa matinal se enreda ao marulhar das ondas.
Nas planícies do céu, a lua imóvel.
Oh espectáculo de encanto para terrenos olhos!
Inolvidável!

Oh, vamos pelos atalhos da montanha,
Pela baía de Kiyomi
Ver ao longe os pinhais de Miho.
Vamos todos ver, agora.
Pescadores porque retirais os barcos para a praia?
Não há hoje pescaria?
Temeis aquelas nuvens além que os ventos trazem sobre o mar?
Esperai, é Primavera, e nos verdes pinhos
O vento canta a sua canção sem fim.
E na baía silenciosa, na matinal serenidade,
Os pequenos barcos de milhares de pescadores
Se baloçam nas ondas brandas.

Saem o SEGUNDO e o TERCEIRO PESCADORES.

HAKURYO

Agora desembarco no pinheiral de Miho
E olho à volta a bela praia.
Cai do céu uma chuva de flores
O ar imbui-se de armas
E de divina música.
Não é vulgar acontecer, isto.
E este formoso manto
Pendurado no ramo do pinheiro? Vou vê-lo de perto.
Que cor belíssima! E que fragrância!
Vou levá-lo para casa e mostrá-lo à gente da aldeia.
Será um tesouro que a nossa família guardará por gerações.

Entra o ANJO.

ANJO

Alto lá! Esse manto é meu. Para onde o levas?

HAKURYO

Este manto achei-o aqui. Vou levá-lo para minha casa.

ANJO

É o manto de penas dum Anjo
Que nenhum mortal pode vestir.
Põe-no no ramo donde o tiraste.

HAKURYO

O quê? O dono deste manto
És tu? Um Anjo do céu?
Vou então arrecadá-lo bem.
Será um tesouro na terra.
Não to dou.

ANJO

Triste de mim! Sem o meu vestido de penas
Não mais poderei voar os caminhos do ar.
Nunca mais voltarei à minha celestial morada.
Tem piedade! Dá-me o meu vestido de penas!

HAKURYO

Quanto mais ouço os teus rogos
Menos desejo restituir-te o manto.

ANJO

Como a ave a quem cortaram as asas
Não poderei mais subir às planícies azuis do céu.

HAKURYO

Anjo, ficarás aqui entre os homens, na terra triste.

ANJO

Que hei-de fazer? Ai de mim!

Ah, como é amarga a dor da tristeza!

HAKURYO

Hakuryo não mais te restituirá as asas.

ANJO

As forças começam a desfalecer-me.

ANJO e HAKURYO, em coro:

Quem lhe poderá valer?

CORO

Pobre Anjo! Da sua coroa
Onde o orvalho das suas lágrimas como jóias cintila,
As flores que lhe adornavam as tranças belas
Murcharam. Cinco vezes a dor
Corrompe a sua forma celestial.

ANJO

Deito os olhos às longes planícies do céu.
Elevam-se as neblinas; nas nuvens o meu caminho se confunde,
Perdido, o meu destino.

CORO

Ó nuvens que pelo céu livre
A vosso contento divagais,
Como de vós tenho inveja!
Em vão suspiro ao ouvir esvaecente
O canto da Klavinka do Paraíso
Outrora aos meus ouvidos docemente habitual.
Perde-se ao longe a grasnada dos patos bravos
Emigrando para as terras de brumas.
Gaiotas e andorinhas-do-mar brincam na fímbria das ondas
E o vento corre no céu livre.

Só eu não posso mais voar.

HAKURYO

É tanta a dor na tua face contristada
– Dar-te-ei de novo o teu manto de penas.

ANJO

Oh, que alegria! Que feliz eu sou!
Dá-mo então.

HAKURYO

Espera! Ouvi muito falar das danças e música dos Anjos.
Só te devolvo o manto
Se para mim dançares agora.

ANJO

Felicidade bendita! Vou ter de novo as minhas asas
E voltarei ao céu.
Como é grande o meu contentamento!
Deixarei para memória dos homens mortais
Uma dança divina. Dançarei o bailado
Que faz andar de roda os castelos da lua.
Revelarei aos homens tristes, secretas maravilhas do céu.
Mas é impossível dançar sem o meu manto.
Dá-mo primeiro.

HAKURYO

Não! Isso não! Se te devolvo o manto
Para o céu voarás, sem para mim dançar.

ANJO

A dúvida pertence aos homens,
Nos seres divinos não existe falsidade.

HAKURYO

Anjo celeste! Envergonhas-me!

Toma o teu manto.

Dá-lhe o manto que o ANJO toma com as duas mãos.

ANJO

O Anjo celeste põe o manto de penas

E dança o bailado do Arco-Íris

Com o seu vestido de asas.

HAKURYO

Asas celestiais que o vento embala

O bailado do ANJO começa.

ANJO

As longas mangas da chuva molhadas

HAKURYO

Cantando a música...

ANJO

E bailando...

CORO

A dança de Suruga com a música do Nascente

Aos homens revelada pela primeira vez.

Vede a divina arte da Aparição.

Enquanto o ANJO dança, o CORO entoia os versos da dança, que são um antigo canto xintoísta.

CORO

Ouvi agora, mortais, a origem
Dos reinos azuis do Ar – o Firmamento.
O mundo recebeu o princípio no grande Deus Izanagui
E na grande Deusa Izanami, que criaram
A Terra para morada dos homens,
E sobre ela puseram,
Ilimitado, imutável e eterno, o Firmamento.

ANJO

Acima de tudo foi erguido o Palácio da Lua
De muros talhados com um cinzel de jade.

CORO

O Palácio da Lua onde trinta monarcas reinam,
Quinze até à lua cheia, vestidos de branco;
Da décima sexta lua em diante, um deles,
Em cada noite desaparece nos espaços.
E outros quinze reis, vestidos de negro,
Tomam os seus lugares.
E enquanto as Fadas celestes a Lua fazem girar,
Para eles cantam divina música.

ANJO

Eu sou uma dessas Fadas da Lua.

CORO

Vieste da tua celestial morada
Um breve instante passar entre os seres da Terra
E revelar a dança divina.
As neblinas da Primavera envolvem a Terra.
Também agora na Lua a Katsura floresce.
Na coroa angélica as flores brilham de glória,
Sinais da Primavera celestial.

ANJO

Para sempre seja louvada esta hora.

CORO

Também na Terra há beleza.
Soprai ventos! Levantai muros de nuvens
No caminho, para que a Visão celeste
Não possa regressar. Não é formosa
A floresta recendendo aromas da Primavera,
O luar nas campinas de Kiyomi
E a neve sobre o cimo do Monte Fuji
Despertando a madrugada?
Mais formosa ainda, a praia de Miho
Quando a luz nova da Primavera entre os pinhos festeja.
Dizei, qual a razão porque o Céu
Se apartou dos homens da Terra?
Não são os nossos reis filhos dos deuses
Nestas Ilhas onde o Sol nasce?

ANJO

Ao reino do nosso Soberano
Raras vezes descem Anjos do céu.

CORO

Reino que durará tanto como grande rocha
Que apenas desgastasse
O roçar leve das asas dum anjo.

Oh música de maravilha!
O Anjo canta. E as harpas e os órgãos do céu
Vêm juntar-se ao canto e às flautas
E ecoam nos ares tingidos da púrpura
Do pôr-do-sol sobre o Monte Sumeru

E as ondas azuis molhando as praias verdes
De pinheirais. Das ilhas que no mar flutuam
Vem uma nevada de flolescências.

Termina o bailado, põe as mãos e reza.

CORO

Salve! Adorai a Lua.
A sua forma originária é Daiseichi.

Esta é a dança do Nascente.

Dança o bailado “io no mai”.

ANJO

O vestido verde-azul ora é da cor do céu,

CORO

Ora da cor das neblinas da Primavera.

ANJO

A saia fina de beleza aromática e rara

CORO

Roda à esquerda, roda à direita,
Roda à esquerda, roda à direita.

Salta dum lado para o outro.

Os cabelos de flores coroados,
As mangas do vestido celeste flutuam
Nos movimentos da dança do Nascente.
Dançou muitos bailados,
Nunca vistos bailados do Nascente.

O nome da Fada celeste é Senhora da Lua.
Na décima quinta noite
Atingiu o símbolo da Perfeição
Irradiando na sua luz
O esplendor da Sabedoria.
Os votos estão cumpridos
E o país solidamente fundado e em paz,
Rico dos Sete Tesouros
Que por favor da dança sagrada
Caíram sobre a terra.
Mas eis que as horas passaram
E o manto de penas flutua,
Primeiro sobre os pinheirais de Miho,
Depois sobre as nuvens das Ilhas Flutuantes,
Sobre o Monte de Ashitaka e sobre o cimo esfumado do Monte Fuji,
Torna-se indistinto
No espaço do céu azul
E da vista se perde.

(*Nô*, 43-56)

O ESPÍRITO DA NEVE

Aqui o tema, como em muitos outros *nô*, é inspirado na filosofia budista. Como se sabe, na geral crença budista, a libertação final das cadeias do mundo atinge-se no ponto de perfeição em que todo o espírito, iluminado, se torna buda. E tal estado de felicidade absoluta, o nirvana, pode ser atingido por todos os seres, incluindo animais, plantas, elementos da Natureza.

Um monge em peregrinação é surpreendido por uma tempestade de neve. Do seio dos flocos que rodopiam surge uma mulher, o Espírito da Neve, que lhe pede que com as suas orações a ajude a encontrar a libertação final. Nasce a manhã, o sol assoma e ela, tímida, desaparece. Seriam os seus rogos atendidos? Até quando terá de esperar pelo Despertar? O título original é *Yuki*, que significa neve, e o autor é desconhecido.

Setsu, Tsu e Noda ficam na ilha japonesa de Honshu.

(*Nô*, 13-14)

O ESPÍRITO DA NEVE

(Yuki)

de autor desconhecido

Personagens:

Monge budista

Espírito da neve

Coro

MONGE

Venho de muito longe
Até à Serra dos Pinhais,
Esta imensa Serra dos Pinhais sem fim.
Quando findará a minha viagem?
Sou um monge e ando em peregrinação
Por todas as províncias.
Ainda ontem estava em Oishu,
Agora vou orar ao templo de Tennôji, em Setsu.
O sol desce no ocaso
E os meus trajes negros já se confundem com as sombras.
Fiapos de nuvens além vogam altos no azul.
Habituei-me a dormir à beira dos caminhos do vale e da montanha.
Eis que chego ao embarcadouro de Noda
Na célebre Província de Setsu.
Andei depressa. Dizem que é aqui perto
A aldeia de Noda, no País de Tsu.
De repente o céu claro cobre-se de espessas nuvens
E cai neve. Já não distingo sequer o caminho.
Vou esperar que abrande a tempestade.

ESPÍRITO DA NEVE (Aparecendo em figura de mulher)

Oh que paisagem de neve fascinante!

Esta manhã, quando entrei nos jardins do Príncipe Leang

Parecia o Paraíso,
Todas as montanhas de neve resplandeciam.
À noite, o Príncipe Yu subiu à torre:
A lua cheia iluminava a brancura mil léguas ao redor.
A Lua da Imutabilidade
Que dissipa as sombras dos pecados e desejos.
Também eu creio na Iluminação pela Lei do Buda.

MONGE

Isto é um milagre! Uma mulher que surgiu do seio da neve!
Quem sois vós?

ESPÍRITO DA NEVE

Quem sou eu? Não sei quem sou.
Saí da neve branca, naturalmente.

MONGE

Não sabes quem és?
És tu o Espírito da Neve?

ESPÍRITO DA NEVE

Olha bem a minha figura, Monge.
Não sou uma mulher vulgar,
Sou um Espírito em busca do Despertar.
Mostra-me, peço-te, o caminho para a Libertação Final.

MONGE

Que coisa extraordinária!
Falar com uma mulher de neve
Só pode ser devido à virtude da Lei.
Não duvides da lição do Buda
E esforça-te por atingir a Libertação.

ESPÍRITO DA NEVE

Como isto é digno de gratidão!
Do Sutra Maravilhoso do Veículo Único
O meu coração não duvida.

CORO

Quando caio sobre a terra o meu corpo desfaz-se.
Penso nas coisas passadas e rogo
Pela minha Salvação.
Sou a Neve Branca
Obstinada em amontoar-se sobre si mesma
Sob a lua, na friura da aurora.

ESPÍRITO DA NEVE

Pisando a neve dos cimos e o gelo dos ribeiros
No caminho do afastamento que leva à Salvação,
Ando perdida, à procura.

CORO

Como a barca, que ao passar os rápidos do rio Noda, no país de Tsu,
Evita os rochedos e rodeia os abismos,
O meu coração ignora onde vai.
A manga do meu vestido está molhada, são as lágrimas
Que fazem correr o sentimento da minha fragilidade.
Liberta-me, ó Monge!
Diz ela, e faz rodar o seu manto florido.
O seu bailado tem a ondulação dos flocos que flutuam.

ESPÍRITO DA NEVE

A aurora desponta.
Sobre o rio Noda a bruma
Aqui e além rasgada

CORO

Deixa aparecer

ESPÍRITO DA NEVE

A minha figura verdadeira.

CORO

A sua figura verdadeira.

Os mantos de nuvens da madrugada alongam-se sobre os cimos.

ESPÍRITO DA NEVE

Rompe o dia.

CORO

E ela, da luz, tímida, parte.

Dos ramos do caminho da montanha

Pendem as flores de neve.

A pouco e pouco a sua forma se esvaece.

(Nô, 37-42)

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida, sob qualquer forma ou por qualquer processo, sem a autorização prévia e por escrito dos herdeiros de Armando Martins Janeira, com exceção de excertos breves usados para apresentação, divulgação e/ou crítica do site e/ou da vida e obra de Armando Martins Janeira.

No material available from Armando Martins Janeira site may be copied, reproduced or communicated without the prior permission of his Family. Requests for permission for use of the material should be made to info@arandomartinsjaneira.net.